

O PECADO DE JOÃO AGONIA

Penso que um dos papéis que os Grupos de Teatro Associativo têm cumprido de forma acertada e esplendorosa tem sido a divulgação de textos de dramaturgos portugueses, embora não tão frequentemente como seria desejável.

Para o Teatro Experimental de Mortágua, por exemplo, o desempenho desse papel constitui um dos seus fundamentos e tem-lhe granjeado a admiração de todas as pessoas que valorizam a dramaturgia nacional e, muito especialmente, a obra de Bernardo Santareno. Incompreensivelmente, os profissionais fogem de Bernardo Santareno, como o diabo da cruz. De facto, de 1980 para cá, têm sido poucas as peças deste dramaturgo a subir à cena, havendo ainda algumas por estreitar, apesar da sua qualidade e actualidade.

Bernardo Santareno deixou ao teatro Português uma vasta obra carregada de poesia, dramatismo e uma forte observação dos costumes. Os textos partem geralmente do povo português, sobretudo no meio rural, donde surge um sopro trágico, épico, lírico, confrontado com situações psicológicas, por vezes rude e por vezes natural. As suas peças afastam-se do substrato realista e descrevem como que uma trajectória circular de onde saem as personagens com uma teoria de conflitos, dividas, obsessões e com o combate individual e íntimo entre o bem e o mal – aliás, a verdadeira essência das peças.

O TEM não receia representar Santareno sendo esta a sétima peça do Autor que leva à cena. As outras foram: “O Duelo”, “O Crime de Aldeia Velha”, “Os Anjos e o Sangue”, “A Excomungada”, “A Promessa” e “Restos”.

A peça “O Pecado de João Agonia” foi publicada durante a ditadura Salazarista (1961) e tem como tema a homossexualidade. Nela se conta a história de João Agonia, um jovem homossexual que vive numa aldeia serrana e primitiva de Portugal. Ao longo da história tanto o leitor (espectador) como os habitantes da aldeia vão descobrindo o “pecado” de João Agonia, sendo que os últimos agem conforme os valores em que acreditavam e estavam de acordo com o Portugal atrasado de então. Como devem imaginar, isso conduz a um final que longe de ser feliz considero altamente perturbador, na medida em que, passado quase meio século, o assunto me parece actual e, consequentemente, a apelar à nossa sensibilidade enquanto seres humanos. É esta, sem dúvida, uma das razões que me levou a abraçar este espectáculo, que os elementos do Teatro Experimental de Mortágua, agora, se propõem mostrar-vos, com toda a sua arte.

Manuel Ramos Costa | Encenador

ELENCO ARTÍSTICO

Personagens:	Interpretes:
Rita Agonia	Anabela Jorge
Teresa Agonia	Mónica Pereira
Rosa Agonia	Céu Mello
João Agonia	Hugo Mello
Fernando Agonia	João Carlos
Guilhermina Giesta	São Garcia
Maria Giesta	Neide Simões
Toino Giesta	Simão Silva
José Agonia	Zé Carlos
Manuel Lamas	Luís Coelho
Miguel Agonia	Tony Nobre

FICHA TÉCNICA

Encenação, cenografia, figurinos, desenhos de luz e som	Manuel Ramos Costa
Direcção de cena	António João Lobo
Pesquisa musical	Fernando Rodrigues
Coord. Guarda-roupa/Adereços	Cilene Martins/Zulmira Mendes
Operador de Som / Luz	António João Lobo
Costureira	Lisete Ferreira
Carpintaria	Carlos Inácio
Caracterização	Céu Mello/Anabela Jorge
Montagem	Equipa do TEM
Design gráfico	Petra Saldanha
Produção	TEM 2009

APOIOS

Câmara Municipal de Mortágua | Junta de Freguesia de Mortágua | Governo Civil de Viseu
Fundação Inatel (Viseu) | Ministério da Cultura (Direcção Regional do Centro) | Triá Lda